

MEIHY, José Carlos S. *Augusto & Lea; um caso de (des)amor em tempos modernos*. São Paulo: Contexto, 2006.

A HISTÓRIA ORAL, O AMOR E A DOR.

Eudes Fernando Leite

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

José Carlos Sebe é um historiador oralista conhecido no Brasil e pouco haveria para se acrescentar à sua biografia intelectual, além do fato de que recentemente se aposentou na instituição em que trabalhou por muitos anos.

Em *Augusto & Lea; um caso de (des)amor em tempos modernos*, Sebe, como é mais conhecido, avança sobre os pressupostos metodológicos mais tradicionais da história oral praticados no Brasil. Alguns desses pressupostos, quando em fase de elaboração, receberam expressivas contribuições desse autor de *Canto de Morte Kaiowá* e *Manual de História Oral*, entre muitos outros livros, artigos e entrevistas. A preocupação com a metodologia que possibilita a construção das fontes orais nortearam sua produção intelectual enquanto historiador, favorecendo a difusão – e aceitação – das fontes orais na academia brasileira.

Ao finalizar a leitura do texto aqui resenhado, tem-se a feliz sensação de que nele encontra-se uma fértil simbiose entre a pesquisa no âmbito da história oral e a escritura de um trabalho cuja construção demanda sensibilidade e responsabilidade. De alguma forma há uma relação entre *Augusto & Lea* e *Canto de Morte Kaiowá* porque em ambos há pulsões de vidas e de mortes. Pode parecer tétrica essa sensação, mas a preocupação sobre como a sociedade de nosso tempo, independente de sua localização socioeconômica ou cultural demonstra uma preocupação especial com a morte, suas razões e suas implicações.

Nas oito histórias inseridas no livro, as quais perfazem um todo atravessado pelo drama familiar, Sebe constrói uma obra instigante, marcada por um tipo de experimentalismo metodológico bastante fértil. Digo experimentalismo porque não é impossível depreender da costura do texto a intenção de densificar a narrativa alcançada pela história oral, transformando-a em um todo, pouco uniforme mas coerente no que tange ao rigor metodológico e à tensão que a problemática provoca no pesquisador, nos entrevistados e inescapavelmente no leitor. Abusaria, dizendo que as preocupações com o método e seus passos, exaustivamente dissecados na parte final do texto, quando Sebe expõe – e se permite enxergar – na trama investigativa, não ofuscam a inovação

experimental empreendida pelo autor que forja alguma coisa como que um *drama histórico*.

O drama é apresentado nas entrevistas e nas explicações extraídas do caderno de notas, espécie de confessor/colhedor das angústias de um pesquisador oralista. A trama ou a problemática é a devastação provocada pela AIDS em uma família paulistana nos tempos atuais. A centralidade do problema da inserção da AIDS em um segmento social abastado mobiliza outras questões que atravessam o campo da ética, da razão, da fé e, especialmente, da família burguesa no limiar do milênio.

Tema polêmico, os nomes que encimam o livro são fictícios, prestando-se para a narração dos dois principais protagonistas dessa História de vidas atravessadas pela doença e pela crise de valores, mudanças de hábitos, permanências de hipocrisias que sustentam relações sociais em vários setores da sociedade ocidental. O drama de Augusto e Lea parece representativo de várias outras circunstâncias familiares atingidas por situações limites. Essas personagens, sob outra ótica, possivelmente dividiriam o protagonismo da narrativa com outro elemento significativo: o vírus. Involuntariamente, Lea sugere tal possibilidade: *Posso dizer que ficamos 'juntos até que o vírus nos separou'*. *Caso pudesse ser mais irônica diria 'até que a presença da morte nos separou'* (p. 17). Como não rememorar a história de Agenor, o Cazuzá!

Eis o centro do drama e da trama. As entrevistas apresentadas, cada uma a seu modo e de *locus* distintos reproduzem essa preocupação, descortinando entendimentos, sensações e sentimentos dos entrevistados. Há leituras, análises e julgamentos impossíveis de serem aqui dimensionados, embora tragam à tona a forma de vida de uma família emblemática na textura social brasileira. Nesse ponto, se encontram dois elementos que me parecem importantes mencionar: o potencial da metodologia e a inserção do historiador em terrenos contemporâneos.

Se compreendermos o livro como uma coletânea de desabafos doloridos, será difícil não enxergar a fissura da sociedade burguesa, avaliada a partir de seu núcleo de valores. Mas o texto é muito mais do que isso na medida em que proporciona aos oralistas – e talvez aos seus detratores – a posição do pesquisador no âmbito social, no tempo presente enquanto as certezas metodológicas são frágeis pontos de defesas no dia-a-dia da pesquisa. O drama e a trama de Augusto e Lea, que nas esferas da sociedade hierarquizada, talvez foram conhecidos como doutor e senhora é a representação da trama que poderia ser encontrada em outros locais sociais. A questão

tratada não é certamente uma questão de classes sociais, embora sua repercussão se relacione com esse aspecto.

No fim, o trabalho de Bom Meihy é um tipo de incursão em vidas privadas nos dias atuais. É um caso de amor e de dor; é um (melo)drama dos tempos de hoje e que, malgrado as circunstâncias, favorecem o debate da história. Ao cabo, para os que lerem esse livro, compartilho uma dúvida: o historiador construiu o enredo ou a história forjou a trama que motivou as narrativas consolidadas na (trans)escritura do pesquisador?